INTRODUÇÃO HISTÓRICA AO ESTUDO DO ECUMENISMO - 3

> "*O melhor meio de descristianizar a Europa é protestantizá-la*" — Eugène SUE.

A EVOLUÇÃO DAS SEITAS PROTESTANTES NOS SÉCULOS XIX e XX

Em um artigo anterior, que cobriu o período da Reforma à Revolução, assistimos à ruptura do protestantismo em vários ramos e, posteriormente, à fragmentação das grandes seitas.

A crise racionalista que se desenvolveu a partir de 1680 agravou fortemente essa tendência e, se ela grassou também no meio católico, causou devastações consideráveis no meio protestante, como já vimos suficientemente.

No final do século XVIII, muitos espíritos religiosos oscilavam entre o deísmo e o pietismo, enquanto, diante da eflorescência contínua das seitas, os adeptos do simbolismo maçônico sonhavam com a união das Igrejas, graças a um ecumenismo dos mais liberais que admitiria todos os credos entendidos em sentido amplo.

No início do século XIX, reencontramos essa tendência que acabaria por não dar em nada; interessando sobretudo aos políticos, mais do que aos religiosos, sua audiência não ultrapassou alguns círculos de "Iluminados" através da Europa, embora uma das mais célebres representantes desses meios místicos acreditasse ter atingido o objetivo: trata-se da Madame de KRÜDENER.

Originária da Alemanha Oriental (Livônia), casada com um embaixador da Rússia na Suíça, a baronesa de Krüdener, após uma juventude algo mundana, passou pelos Irmãos Morávios, discípulos do conde de Zinzendorf. Em seguida, estudou a infinita variedade dos "heresiósofos": os alemães primeiro, depois Swedenborg, os Martinistas e, por fim, os Quietistas, discípulos distantes de Mme. GUYON — nomeadamente o conde de Divonne e o cavaleiro de Langallerie —, sem esquecer o inevitável Boehme, cuja doutrina conheceu através do visionário alsaciano Kellner.

Parece que, por volta de 1810, sua formação estava concluída, mas já há vários anos ela utilizava suas altas relações para promover a "união interior" junto à rainha Luísa da Prússia, à grã-duquesa Estefânia, à rainha Hortênsia, etc. Foi finalmente junto ao Czar Alexandre I que ela conheceu a

grande esperança de sua vida.

> *Nota: Este artigo, o terceiro da série sobre o Ecumenismo, dá sequência aos estudos publicados nos Boletins 7 e 8. Será seguido por outros três que tratarão do nascimento do Ecumenismo estruturado nos meios protestante e católico.*

O imperador da Rússia já era maçom desde 1803 e apaixonava-se por pesquisas místicas; estava, evidentemente, cercado por Iluminados que não conseguiam acalmar suas inquietações, devidas ao remorso de ter participado da conspiração que provocara a morte de seu pai.

Quando a imperatriz o fez ler cartas da baronesa, ele entusiasmou-se, quis conhecê-la sem demora e, logo na primeira entrevista, foi subjugado; por quase quatro anos, Mme. de Krüdener tornou-se a consciência de Alexandre I, especialmente durante sua estada em Paris após a vitória dos Aliados sobre Napoleão, onde se via todas as noites o imperador vir pedir conselho e ajuda à baronesa.

Os especialistas não deixaram de reconhecer a influência dos iluministas sobre o pacto da Santa Aliança de 1815. Assim, o próprio Metternich não hesitará em afirmar:

> "*Foi de uma mistura de ideias religiosas e ideias políticas liberais que saiu a concepção da Santa Aliança; ela eclodiu sob a influência de Mme. de Krüdener e do Sr. Bergasse*".

Por seu lado, Joseph de Maistre, curado de suas ilusões, escreve em 1816:

> "*É sempre a grande quimera do cristianismo universal e da indiferença em relação a todas as comunhões cristãs, consideradas todas como igualmente boas*".

A esperança, o projeto de Mme. de Krüdener, é aproveitar o transtorno geral devido a vinte e cinco anos de revolução para incitar os Soberanos a estabelecer essa "Igreja interior", reconstituição mítica daquela dos primeiros séculos, com a qual as seitas sonhavam há mais de cinquenta anos. Ela quer, diz ela, retornar ao Evangelho primitivo "*a fim de que se fundam as religiões para formar uma única Igreja*", pois, afirma em outro lugar: "*Não sou nem católica nem grega [ortodoxa] e, louvado seja Deus, nunca fui protestante. Meu grande Mestre ensinou-me a ser cristã*".

Por volta de 1817, quando perdeu o favor do Czar — cansado de esperar por prodígios que não vinham —, ela passou a ser alvo tanto de protestantes quanto de católicos e, expulsa de diversos países da Europa, partiu para estabelecer-se na Crimeia, onde fundou uma comunidade e morreu em 1824.

Esse fracasso confirma que, neste início do século XIX, o ecumenismo não interessava aos responsáveis pelas seitas protestantes, que ainda estavam empenhados em afirmar seus caracteres próprios e diversos; foi apenas gradualmente que intenções diferentes se desenvolveriam ao longo do século.

---o0o---

A história do século XIX é, afinal, bastante complexa, pois os meios protestantes serão atravessados por tendências divergentes, cuja influência se exercerá de modo diferente segundo o tempo e o lugar:

- Por um lado, a grande onda liberal e modernista, que apenas amplia o sentido tomado no século XVIII; por outro lado, o renovo fundamentalista, que tenta opor-se a ela progressivamente.
- Além disso, a criação de novas seitas, que permanece muito florescente no século XIX e até no século XX.
- Enquanto, por outro lado, a partir de meados do século XIX, surge uma certa tendência ao reagrupamento que desembocará nos primeiros passos do ecumenismo no início do século XX.

É o conjunto desses movimentos contraditórios que é preciso compreender se quisermos ver o ecumenismo nascer em sua fonte, sem negligenciar, sobretudo, a emergência e depois a importância crescente de outro elemento: no decorrer do século XVIII, uma nova Europa nasceu do outro lado do Atlântico, com as mesmas divisões religiosas da velha Europa.

E, de agora em diante, é dos Estados Unidos que partirá o impulso, trate-se da criação de novas seitas ou dos esforços inversos em direção ao reagrupamento e, portanto, ao ecumenismo. É de lá também que virá o "nervo da guerra", e não é segredo para ninguém que a maior parte das finanças ecumenistas é americana há muito tempo.

---o0o---

O desviacionismo doutrinário atingiu, no decorrer do século XIX, um grau tal que provocou uma situação nova: doravante, na maioria das vezes, os "heréticos" permanecem no interior das grandes seitas protestantes, impondo o liberalismo doutrinário e constrangendo, por vezes, aqueles que pretendem manter-se fiéis aos fundamentos doutrinários a organizarem-se à parte — o que é o cúmulo! Esse fenômeno, muito geral, pode ser encontrado em toda a Europa.

Assim, na Suíça, os progressos do racionalismo haviam levado a avanços tão grandes do deísmo que se pôde ver, em 1817 — três séculos após o impacto de Lutero —, a Companhia dos Pastores de Genebra proibir a pregação sobre um certo número de pontos litigiosos, como a Divindade de Cristo, o pecado original, a graça e a predestinação!

Por meio dessa interdição, os pastores genebrinos buscavam também evitar distúrbios, pois, diante do racionalismo dominante, começavam a surgir os esforços de um certo número de "despertares" (*réveils*) com homens como Robert Haldane, César Malan e Alexandre Vinet. E, de fato, entre 1815 e 1830, apareceu toda uma série de agrupamentos dissidentes, distintos da Igreja nacional, a qual

não era, contudo, uma Igreja de Estado.

Uma nova ruptura ocorreria no meio do século, testemunhando o agravamento da situação, ao mesmo tempo que uma certa reação.

No cantão de Neuchâtel, em 1837, o Estado promulgou uma lei segundo a qual os pastores não poderiam estar ligados a nenhum credo preciso: uma união de igrejas independentes criou-se então sob a direção do professor Frédéric Godet, recusando esse liberalismo extremo; a fusão dos dois ramos só ocorreu em 1944.

No cantão de Vaud, uma lei de 1839 suprimiu a confissão de fé da Igreja nacional e instaurou a plena autoridade do Estado sobre a Igreja para melhor consolidar o liberalismo doutrinário; quando, em 1845, uma maioria radical saída das eleições quis impor essa linha na prática, um grande número de pastores renunciou e fundou, em 1847, uma igreja livre; foi apenas muito recentemente, em 1966, que os dois ramos assim constituídos puderam se reunir.

Na França, os Artigos Orgânicos do Concordata de 1802 faziam da Igreja Reformada uma igreja de Estado que deveria ser dirigida por consistórios formados por pastores e notáveis censitários. A Restauração e, depois, a Monarquia de Julho mantiveram o mesmo estatuto.

Em 1848, a Segunda República provocou a reunião de uma assembleia geral destinada a reorganizar as igrejas reformadas. Frédéric Monod, discípulo do suíço Haldane, levantou a questão doutrinária: tendo os liberais conseguido evitá-la, Monod e o conde de Gasparin fundaram a União das Igrejas Livres sobre uma base evangélica, à qual se juntaram também alguns agrupamentos novos oriundos do "despertar".

Com efeito, paralelamente a esta evolução dos calvinistas franceses, o "despertar" metodista foi importado da Inglaterra por Charles Cook, que ora colaborava com os centros reformados preexistentes, ora fundava centros metodistas livres; deve-se igualmente mencionar a ação da Sociedade Central de Evangelização, que fundou então um bom número de novas igrejas, bem como a Missão Popular criada por McAll (falecido em 1893): um dos agentes desta missão, Ruben Saillens, viria a fundar a primeira igreja batista em Paris e, após o "despertar" do País de Gales no início do século XX, empreendeu um ministério batista itinerante através dos países de língua francesa.

Sob a Terceira República, os Reformados puderam realizar um sínodo em 1872; uma confissão de fé ortodoxa foi adotada, mas os liberais que a recusavam foram autorizados pelo Estado a não a subscrever: desta forma, durante cerca de trinta anos, os liberais e os ortodoxos, embora pertencendo a um mesmo corpo, realizaram reuniões separadas.

Entre os teólogos protestantes liberais do século XIX, destacam-se três nomes principais:

- **Samuel VINCENT (1787-1837)**, pastor em Nîmes, que difundiu na França as ideias de seu contemporâneo alemão, SCHLEIERMACHER.
- **O professor MENEGOZ (1838-1921)**, que foi o teórico do simbolo-fideísmo, proclamando a fé independente dos dogmas.

- **O professor Auguste SABATIER (1839-1901)**, de Toulouse, autor da obra intitulada "*As Religiões de Autoridade e a Religião do Espírito*", e que foi o grande amigo dos modernistas católicos. (1)

No momento da Lei de Separação entre a Igreja e o Estado em 1905, a organização reformada fragmentou-se em três uniões: a União das Igrejas Reformadas Evangélicas (a mais numerosa), a União das Igrejas Reformadas Liberais e a União das Igrejas Reformadas (propriamente dita), que afirmava querer aproximar as outras duas tendências e que, de fato, não tardou a fundir-se com a união liberal.

Em 1936, uma declaração de fé bastante vaga foi redigida por uma comissão mista e, em 1938, a maioria das igrejas reformadas operou sua reunião; no entanto, tratava-se ali essencialmente dos calvinistas, e muitas igrejas evangélicas ou metodistas permaneceram autônomas; o mesmo ocorreu, aliás, com os Batistas, os Darbistas, os Menonitas e, naturalmente, os diversos ramos pentecostais surgidos no século XX.

Atualmente, o principal organismo protestante é a Federação Protestante de França, que agrupa quatro grandes igrejas e quatro pequenas, com credos bastante diferentes em um plano de representação externa:

- A Igreja da Confissão de Augsburgo de Alsácia e Lorena (luterana), agrupando 230.000 fiéis no leste da França;
- A Igreja Evangélica Luterana de França, agrupando 40.000 fiéis no restante do país;
- A Igreja Reformada de França (calvinista), com 310.000 fiéis (exceto no Leste);
- A Igreja Reformada de Alsácia-Lorena (também calvinista), com 50.000 fiéis no Leste.

Os pequenos agrupamentos são: as Igrejas Reformadas Evangélicas Independentes (20.000 fiéis), a Missão Popular Evangélica de França (25.000 fiéis), a Federação das Igrejas Batistas de França (2.500 fiéis) e a Igreja Apostólica de França (500 fiéis).

---o0o---

Na Alemanha, a história do protestantismo moderno é dominada pela intervenção do Estado e pelo desenvolvimento da teologia liberal.

O rei da Prússia Frederico Guilherme (1787-1840) quis fundir luteranos e reformados calvinistas de seu reino, obtendo assim uma igreja unida com autoridades eclesiásticas e cultos comuns... mas com posições doutrinárias separadas! Esta solução não agradou a todos e vários Estados alemães recusaram-se a aderir, de modo que se encontram atualmente na Alemanha pelo menos três grandes grupos: os luteranos, os calvinistas e os "unidos".

Existem, por outro lado, fora das Igrejas unidas ao Estado, luteranos independentes, metodistas (ramo alemão da Igreja Metodista Americana de língua alemã), o Exército da Salvação, os irmãos darbistas, sem esquecer um movimento pietista que agrupa fiéis de diferentes confissões.

Durante o período nazista, os protestantes alemães também se dividiram em "Cristãos Alemães" e na "Igreja Confessante", oposta a Hitler. Desta Igreja Confessante saíram diversas correntes, como

a de Karl Barth, que foi destituído e partiu para a Suíça, e a dos teólogos "da morte de Deus".

Essas diferentes correntes teológicas alemãs são particularmente importantes devido à sua influência sobre outros países, onde serviram de modelo não apenas para os protestantes, mas também para os católicos da "nova onda" (*nouvelle vague*).

O mais antigo e célebre teórico do século XIX é, sem dúvida, **SCHLEIERMACHER (1768-1834)**: oriundo de um meio morávio e atraído precocemente pelo racionalismo, foi nomeado professor em Berlim, onde ensinou todas as disciplinas teológicas. Para ele, teologia e piedade são independentes; a crítica bíblica deve ser racionalista, assim como os dogmas: Jesus é um homem de uma intensa consciência religiosa. Trata-se de uma concepção romântica que contribuiu muito para desvirtuar o "despertar" alemão e que exerceu grande influência em outros países europeus; sua principal obra, os *Discursos sobre a Religião*, foi publicada em 1799.

Outra tendência é a dos teólogos discípulos de Hegel, como Strauss, Baur e toda a escola da Universidade de Tübingen. Ritschl, inicialmente hegeliano, rejeitou depois o hegelianismo afirmando querer conhecer apenas fatos objetivos: é um teólogo que se interessava apenas pelo homem, não por Deus...

Karl Barth, nascido em 1886 na Suíça; inicialmente modernista, foi levado pelo seu ministério pastoral à noção de uma revelação indispensável: daí o seu retorno a Jesus Cristo feito homem e à Bíblia considerada autêntica; no entanto, para ele Deus é o "totalmente Outro", daí o caráter dialético da teologia barthiana.

O barthismo marcou uma evolução contínua em direção a uma maior realidade, o que provocou aos poucos rupturas com seus primeiros amigos, como Brunner e Bultmann; contudo, para Barth, a Bíblia não é inteiramente a palavra de Deus: ela pode apenas *tornar-se* tal por uma intervenção do Espírito, o que deixa o campo livre para muitas sutilezas.

Bultmann, nascido em 1884 em Marburgo, teórico da "Teologia da Forma" (*Formgeschichte*): para ele, os Evangelhos não seriam relatos fiéis, mas expressariam a fé dos primeiros cristãos. Seria necessário, portanto, extrair a mensagem de Cristo (ou *Querigma*) das concepções míticas em que está envolvida: é a desmitologização.

Como se percebe facilmente, são estas as noções que se tornaram familiares através daqueles que habitualmente chamamos de "teólogos do Concílio".

---o0o---

Na Inglaterra, o protestantismo apresenta no século XIX os mesmos componentes do século XVIII: por um lado, a Igreja estabelecida (Igreja Anglicana) e, por outro, uma multidão de seitas de maior ou menor importância. Os movimentos de "despertar" continuam em ritmo lento, notadamente o de Oxford com Spurgeon e o do País de Gales na paróquia de Evan Roberts, notável pelo interesse dedicado às curas pela fé e ao falar em línguas: este fenômeno, surgido nos primeiríssimos anos do século XX, é a raiz do movimento pentecostal, nascido pouco depois nos EUA entre os batistas negros.

O próprio anglicanismo é trabalhado por correntes tão diversas que é necessária toda a tolerância inglesa — sua "*comprehensiveness*" — para evitar a fragmentação: distinguem-se a "Alta Igreja" (*High Church*), catolicizante em doutrina e ritual; a "Baixa Igreja" (*Low Church*), próxima dos dissidentes evangélicos; e a "Igreja Ampla" (*Broad Church*), tornada hoje modernista com o Bispo Robinson.

Essas tendências expressaram-se especialmente na questão da sucessão apostólica, que deu lugar a três manifestações extremas:

- **Os Irmãos de Plymouth:** Para John Darby (1800-1882), a sucessão apostólica perdeu-se logo no primeiro século e, desde então, não há mais uma verdadeira Igreja visível. Todos os membros da seita, que se chamam "irmãos", participam de um culto que não é presidido por ninguém. No entanto, apesar desta impossibilidade de hierarquia legítima, Darby mostrava-se muito rígido e pronto a excomungar; uma cisão ocorreu em 1848 entre os "irmãos darbistas" e os "irmãos amplos"; a seita espalhou-se depois por toda a Europa, nomeadamente na Suíça e na França, onde existem comunidades no Leste.
- **Os Irvingistas:** Irving (1792-1834) pensava também que a sucessão apostólica fora perdida, mas que poderia ser reencontrada por uma nova efusão do Espírito Santo, que se produziu, naturalmente, sob a forma de cura e glossolalia; em 1830, a Igreja Apostólica foi organizada com 12 apóstolos, uma hierarquia completa e um culto catolicizante; mas, sendo iminente o retorno de Cristo, nada foi previsto para o futuro. Um ramo dissidente alemão, mais previdente, a Igreja Nova Apostólica, possui, ao contrário, ainda hoje, apóstolos vivos.
- **Os Tractarianos:** Newman (1801-1892) e Pusey (1800-1882), professores em Oxford, preconizaram em uma série de cartas públicas, os "*Tracts for the Times*" (que apareceram entre 1833 e 1841), uma aproximação com o catolicismo romano — o 90º *Tract* interpretava os 39 Artigos anglicanos em um sentido catolicizante, e o Bispo de Oxford proibiu qualquer nova publicação. Newman acabou por tornar-se católico e cardeal, enquanto Pusey permaneceu no anglicanismo, onde continuou na via do anglo-catolicismo.

Este empreendimento, conhecido como o Movimento de Oxford, mereceria uma exposição mais ampla, pois esteve na base de um importante retorno ao catolicismo, ao mesmo tempo em que foi uma das origens do movimento ecumênico. Voltaremos a ele, portanto, em outros artigos deste Boletim.

---o0o---

Uma última característica do Anglicanismo naquele momento é uma certa tomada de consciência internacional. De fato, graças à expansão colonial, o Anglicanismo espalhou-se por vários continentes e, por conseguinte, perdeu seu caráter insular tão acentuado. Como via de consequência, diversas obras de evangelização nascerão e se desenvolverão no mundo inteiro, preparando uma mentalidade pré-ecumênica.

A mais antiga é a **Sociedade Bíblica**: em 1804, um pastor inglês funda com alguns colegas uma sociedade destinada a traduzir a Bíblia para inúmeras línguas, a imprimi-la a baixo custo e a

difundi-la por meio de colportores. Posteriormente, tendo sido fundadas outras sociedades em outros países, surgiu uma Aliança Bíblica Universal, que já realizou 1.200 traduções e vende 20 milhões de exemplares a cada ano.

Uma das mais importantes é, certamente, a **Associação Cristã de Moços (ACM/YMCA)**, fundada em 1844 por George Williams entre jovens empregados do comércio; o movimento propagou-se muito rapidamente na Inglaterra e depois em diversos países, de tal modo que a primeira conferência universal realizou-se em Paris em 1855. A linha missionária e ortodoxa fixada pelo fundador passou por bastante evolução com o tempo e com a influência exercida pelos elementos norte-americanos; reencontraremos esta questão ao tratar das origens do movimento ecumênico, do qual a ACM foi o motor.

É impossível não citar, por fim, a mais visível dessas obras: o **Exército de Salvação**. Ele deve sua origem a William Booth, metodista wesleyano que deixou a Igreja Metodista em 1865 para lançar-se na evangelização dos bairros desassistidos de Londres e fundar, em 1870, a "*Missão Popular*" ou Exército de Salvação. Apesar de seu caráter muito missionário e internacional, não se trata propriamente de uma igreja, mesmo no sentido amplo e protestante, pois não se encontra nela, a rigor, nem culto, nem batismo, nem ceia.

---o0o---

Na Escócia, a Igreja Calvinista de Estado também conheceu agitações no século XIX: em 1843, um terço dos pastores deixou a Igreja em protesto contra a crescente ingerência do Estado; depois, em 1900, essa igreja livre fundiu-se com diversos agrupamentos dissidentes para formar a Igreja Livre Unida, que, em 1929, reintegrou-se à igreja presbiteriana oficial.

Antes mesmo da formação jurídica dos Estados Unidos, as seitas já haviam se desenvolvido consideravelmente — aludimos a isso em um artigo anterior — e, quando a Constituição foi promulgada em 1787, todas as seitas foram igualmente reconhecidas, sem que houvesse uma Igreja de Estado.

Sobre essa base ultraliberal, elas proliferaram enormemente sob a influência de múltiplos fatores, cujos principais são a pluralidade racial, o espírito pioneiro da expansão para o Oeste e o liberalismo doutrinário; a Guerra de Secessão, que dividiu ao meio a maioria das seitas em 1865, apenas agravou uma situação já bastante complexa.

Para tentar trazer um pouco de clareza, é preciso distinguir a evolução das grandes seitas iniciais do surgimento de uma multidão de novos agrupamentos, que constitui o traço típico americano.

As grandes denominações americanas

O grupo mais importante é constituído pelas **Igrejas Batistas**, com mais de vinte milhões de praticantes, reunidos em vários ramos: Convenção Batista do Sul, Convenção Batista Nacional das igrejas negras, Convenção Batista do Norte e os Batistas Conservadores, destacados da Convenção do Norte por razões doutrinárias.

Os **Metodistas** possuem doze milhões de fiéis, dos quais a maioria pertence à igreja metodista episcopal; um ramo dissidente desde 1816 agrupa os americanos de língua alemã.

Os **Luteranos**, em terceiro lugar, permaneceram globalmente fiéis às doutrinas da reforma luterana; eles também estão divididos em diversos ramos: Igreja Luterana Unida, Igreja Luterana do Sínodo de Missouri — particularmente conservadora em matéria de doutrina (e muito reservada em relação ao ecumenismo e ao seu relativismo doutrinário) —, e as igrejas luteranas dinamarquesa, sueca e norueguesa.

Os **Presbiterianos** são de origem escocesa ou inglesa, enquanto os **Reformados Calvinistas** vêm da Holanda e da Alemanha; os **Episcopais**, pouco numerosos, são um ramo da Igreja Anglicana.

A **Igreja Unida** resulta da fusão de igrejas reformadas e igrejas congregacionalistas, muito difundidas na Nova Inglaterra.

Há, além disso, os **Quakers**, os **Menonitas**, os **Morávios**, etc.

Todas essas seitas, que haviam sofrido mais ou menos o efeito dos "Despertares" do século XVIII, conheceram uma certa letargia no início do século XIX; mas, em meados do século, um novo movimento de "Despertar" ocorreu com homens como Finney e Moody e, no século XX, com Billy Sunday — um ex-boxeador — e, sobretudo, Billy Graham, que possui a habilidade de reunir auditórios imensos graças ao apoio das diversas seitas de uma mesma localidade onde prega.

As novas seitas americanas

Elas nasceram no século XIX e, no caso do Pentecostalismo, no início do século XX, sob condições particulares às quais já aludimos.

A primeira delas é provavelmente a extrema mistura das grandes seitas protestantes clássicas, ligada ao amálgama de populações que realiza uma atomização social e um individualismo religioso onde os quadros sociais e familiares desempenham cada vez menos o seu papel. Pense-se no formidável crescimento da população americana durante esse século, com imigrantes de todas as raças e confissões, bem como nos incessantes movimentos de migração interna: do Leste para o Oeste, rumo ao "Far West" (Extremo Oeste), e do Norte para o Sul e vice-versa, com a Guerra de Secessão e suas consequências.

A segunda circunstância igualmente importante provém de um duplo fenômeno que já conhecemos, mas que se renova aqui com grande força: trata-se, por um lado, do racionalismo e do liberalismo doutrinário dele decorrente e, por outro, de um grande número de "Despertares" (dos quais o Pentecostalismo será apenas o último avatar no século XX) que tomam, ou fingem tomar, o texto bíblico ao pé da letra — chegando ao ponto de lhe acrescentar um novo capítulo, no caso dos Mórmons.

Esses despertares nascem geralmente no seio das grandes confissões, especialmente a metodista e a batista, mas, na maioria das vezes, seus animadores foram excluídos e reduzidos a fundar sua própria organização.

Um terceiro traço resulta dos dois primeiros: trata-se de um certo messianismo temporal, já identificado em diversas ocasiões na história protestante, nomeadamente no século XVI, e que floresce espontaneamente nesse país totalmente novo, onde as situações mudam sem cessar, fazendo populações inteiras passarem da riqueza à pobreza e vice-versa.

Podem-se distinguir cinco correntes principais, mais ou menos relacionadas entre si, algumas unitárias e outras representadas por diversas organizações.

Os Mórmons — O mais antigo desses agrupamentos é o fundado entre 1820 e 1830 por Joseph Smith, um jovem camponês metodista de Ontário, que teria recebido uma revelação especial do anjo Moroni (como um novo Maomé para uso americano). A partir de 1831, quando eram apenas algumas centenas, os discípulos de Smith iniciam sua marcha para o Oeste, realizada em várias etapas, sendo expulsos de cada um de seus assentamentos em Ohio, Missouri e Illinois.

Em 1844, tendo Smith proclamado a poligamia, uma parte dos discípulos revolta-se; o fundador, posto na prisão, é linchado pela multidão, enquanto seu sucessor, Brigham Young, consegue fugir. Após isso, em 1845, a seita teve de emigrar novamente e instalou-se às margens do Lago Salgado, em Utah. Em 1850, o congresso dos EUA reconheceu-lhe o direito sobre um imenso território do qual Young tornou-se o governador. Em 1852, a poligamia foi oficializada e uma guerra estourou com a União: Young foi destituído em 1857 e, após seu sucessor ter abolido a poligamia, tudo voltou à ordem. Em 1896, Utah tornou-se um Estado da União.

Dos cerca de um milhão de membros, metade vive em Utah e o restante sobretudo nos Estados do Oeste. A seita é muito próspera materialmente, pois os fiéis pagam o dízimo, 10% de seus rendimentos. Isso permite uma intensa ação missionária, muito antiga, aliás, e presente desde o início, visto que a Europa foi alcançada logo na segunda metade do século XIX. Atualmente, existem cerca de 6.000 missionários no mundo, dos quais mais de mil na Europa, mas os resultados não são muito expressivos.

Os Adventistas — Aproximadamente na mesma época que Smith, outro jovem camponês de Massachusetts, de confissão batista, tornou-se conhecido; tendo reencontrado a fé aos 34 anos, em 1816, mergulhou na Bíblia e adquiriu a convicção de que o retorno de Cristo ocorreria no ano de 1843. Por 14 anos, calou sua descoberta; depois, em 1831, tendo sido convidado pela Igreja Batista para pregar, percorreu os EUA agitando as multidões. Em 1833, publicou sua primeira obra e multiplicou as campanhas auxiliado por inúmeros discípulos: em 1842-43, dirigiu-se a mais de 500.000 pessoas.

Naturalmente, Cristo não retornou em 1843, nem em 1844, segundo outros cálculos. Miller foi então rejeitado pela Igreja Batista e abandonado por alguns discípulos; mas encontrou outros, mais convencidos que ele, nomeadamente a futura Sra. White, e a Igreja Adventista começou então a organizar-se a partir de 1845.

Após a morte de Miller em 1849, foram a Sra. White e seu marido que deram à seita uma expansão extraordinária, por meio de um ensinamento profético contínuo (do tipo: "Deus quer...", "Deus me disse") e por uma organização poderosa, especialmente no campo das obras de saúde e das editoras, que são ainda hoje o meio mais potente de penetração da seita, junto com as emissões

radiofônicas (na França, *la Voie de l'Espérance*).

Trata-se, aqui também, de um movimento rico — com os fiéis pagando o dízimo — e muito missionário: cerca de um milhão de membros, dos quais 30.000 ocupam-se das diversas obras. Os adventistas franceses seriam cerca de 20.000, recrutados sobretudo nas regiões huguenotes em razão de um ensinamento violentamente anticatólico (a Igreja Católica seria a "Besta do Apocalipse"...).

O contingente poderia ser maior se o Adventismo não tivesse sido dilacerado por múltiplas cisões: cinco agrupamentos reivindicam essa denominação, sem contar aqueles que escolheram um novo rótulo, como as Testemunhas de Jeová ou os Amigos do Homem, oriundos destas últimas.

As Testemunhas de Jeová — Charles Russell, de uma família de ricos comerciantes presbiterianos, sentiu-se logo repelido pelo caráter implacável da predestinação calvinista e tornou-se um adepto entusiasta do Adventismo por volta de 1870. Aos 20 anos, animava um círculo de estudos bíblicos que conseguiu prever o fim do mundo para 1874. Nada aconteceu, evidentemente, mas, em 1878, o grupo dos "Estudantes da Bíblia" separou-se do Adventismo para fundar "A Torre de Vigia de Sião".

Em 1880, Russell fundou a "*Watch Tower Bible & Tract Society*", que começou a difundir uma multidão de publicações. Teve uma atividade considerável, publicando a "*Chave da Bíblia*" em vinte línguas, percorrendo o mundo inteiro após 1900 e anunciando o fim do mundo para... 1914, depois para 1918: felizmente para ele, faleceu em 1916.

Seu sucessor, Rutherford, enfrentou muitas dificuldades, tanto com os discípulos de Russell quanto com o governo; ele próprio e seus conselheiros foram presos e o movimento esteve prestes a desaparecer, mas, libertado em 1919, retomou uma intensa atividade, dando grande impulso à central e criando inclusive uma estação de rádio em 1920. Depois, lançou o jornal "*L'Âge d'Or*" (A Idade de Ouro), que se tornou a célebre "*Réveillez-vous!*" (Despertai!).

Em 1931, os Estudantes da Bíblia tornaram-se as "Testemunhas de Jeová". Rutherford, que havia anunciado o fim do mundo para 1925, morreu tranquilamente em 1942 e foi substituído por Nathan Knorr, que enfatizou a formação dos militantes criando inúmeras escolas.

A seita, surgida na França por volta de 1930, estende-se ao mundo inteiro, onde conta com vários milhões de membros, incluindo cerca de 250.000 propagandistas.

A Ciência Cristã — Fundada pela Sra. Mary Baker Eddy (1821-1910) em 1879, em Boston, é a caçula dos quatro grandes ramos sectários do século XIX. Surgida no meio unitário da Nova Inglaterra, esta seita é bastante diferente das outras em seus fundamentos, pois realiza o amálgama de tendências diversas e modernas: magnetismo, fé no progresso e um certo espiritualismo hegeliano, antecipando teorias orientais.

Apenas o espírito e o bem são reais, sendo a matéria e o mal ilusões — daí a negação do pecado, do Inferno, da Encarnação e da Redenção. A atividade essencial consiste em serviços de cura pela oração, e o livro fundamental intitula-se: "*Ciência e Saúde com Chave das Escrituras*".

A Sra. Eddy começou trabalhando com um curandeiro célebre, Quimby; depois, fundou seu próprio grupo em Boston, que tomou o nome de "Primeira Igreja do Cristo, Cientista", um colégio metafísico que formava os curadores diplomados da seita. Aos poucos, o conjunto de grupos correspondentes formou um único corpo eclesiástico estreitamente ligado à igreja-mãe de Boston, enquanto a Sra. Eddy assumia cada vez mais a figura de uma profetisa cujo ensinamento devia ser seguido rigorosamente — o que gerou, aliás, inúmeras exclusões.

A partir de 1890, a Ciência Cristã progrediu rapidamente, primeiro nos EUA e depois no mundo, atraindo se não as multidões, ao menos uma clientela bastante abastada e socialmente elevada: políticos, atores de cinema, etc. Por volta de 1930, contavam-se cerca de 2.000 igrejas e 250.000 aderentes nos EUA.

Parece, porém, que a regressão começou desde a Segunda Guerra Mundial, sem contar as inúmeras cisões que afetaram particularmente a Europa, dando origem a uma multidão de agrupamentos rivais conhecidos sob o nome coletivo de "Novo Pensamento" (*Nouvelle Pensée*): Ciência Divina, Unidade, Igreja da Ciência Religiosa, Escola de Unidade do Cristianismo, Aliança Internacional de Pensamento, etc.

---o0o---

O último e o mais importante dos movimentos sectários modernos — o mais recente, aliás — é o Pentecostalismo. Sua importância é ainda maior porque, não contente em criar suas próprias estruturas e fazer incursões em numerosas seitas protestantes, infiltrou-se recentemente no meio católico, onde conheceu um real desenvolvimento nos meios intelectuais e até entre o clero e a hierarquia.

Para compreender algo do fenômeno pentecostal, é preciso situá-lo na linha histórica em que se insere: a dos movimentos de "Despertares" (*Réveils*) que não cessaram de atravessar a Reforma desde o século XVI.

De fato, o exemplo inicial de uma reforma que foi uma cisão foi frequentemente seguido e, para reformar, para "despertar", geralmente foi-se além do simples aprofundamento espiritual ou moral: colocaram-se em questão, a cada vez, as posições disciplinares e, muitas vezes, até as doutrinárias.

Assim, foi um movimento de Despertar o de George Fox e seus *Quakers* no século XVII, que resultou na supressão de todo clero. Despertar ainda mais importante — em reação contra o materialismo inglês do século XVIII e contra a depravação moral da aristocracia — foi o desencadeado por John Wesley, que resultou na criação da seita metodista, tão poderosa nos EUA. Despertar também foi o movimento de Edward Irving, profeta milenarista dos anos 1830 na Inglaterra, que gerou a Nova Igreja Apostólica; bem como o movimento dos Irmãos de Plymouth e de John Darby, que acabou por se separar da Igreja Anglicana, duvidando radicalmente de qualquer igreja hierárquica.

Despertares também foram, enfim, embora em sentidos muito diferentes, o Movimento de Oxford, por um lado, e o Exército de Salvação, por outro.

A esses poucos exemplos, seria necessário acrescentar a longa lista de despertares que continuamente abalaram os Estados Unidos ao longo de todo o século XIX, criando assim um clima espiritual muito particular; os agentes foram uma multidão de pregadores, frequentemente locais e por isso desconhecidos, dos quais citaremos apenas um dos últimos, R. A. Torrey, diretor da Escola Bíblica de Los Angeles, em quem muitos veem o ancestral do Pentecostalismo.

Oficialmente, o Pentecostalismo não possui um fundador conhecido, e esse movimento resulta de uma fermentação espiritual intensa e comum a numerosas seitas protestantes do início do século XX — nos EUA, certamente, mas também na Inglaterra e na Escandinávia —, onde numerosas iniciativas locais, mais ou menos informais, acabaram por se unir.

O primeiro caso conhecido situa-se nos EUA: em abril de 1906, em Los Angeles, um pregador negro de uma comunidade batista, Seymour, praticou o "batismo no Espírito" com glossolalia; a repercussão foi grande entre os fiéis e, depois, entre pastores de outras seitas que vieram de toda parte participar das reuniões noturnas e partiam como missionários do "novo Pentecostes".

Na Inglaterra, o movimento espalhou-se muito rapidamente ao se enxertar em um Despertar que sacudia o País de Gales desde 1904; estendeu-se a toda a Grã-Bretanha e, dali, à Austrália e a outros países da *Commonwealth*; é assim que se encontram experiências pentecostais já em 1907 na Índia e na China.

Também em 1907, um pastor metodista importou o Pentecostalismo para Oslo, onde conheceu uma rápida expansão entre luteranos, batistas e os salvacionistas suecos, e depois nos demais países escandinavos; em 1960, contavam-se assim mais de 200.000 membros nos quatro países reunidos.

Em 1908, o pastor Paul, convertido em Oslo, difundiu o movimento na Alemanha, nomeadamente no Ruhr, onde organizou grandes reuniões que atraíram multidões da Alemanha, Bélgica e Suíça, reunindo cerca de 50.000 aderentes por volta de 1912.

A penetração nos países comunistas também ocorreu cedo, por volta de 1920, de modo que, por volta de 1930, já se contavam quase 400 comunidades e, em 1960, apesar das perseguições, estimava-se o número de membros em 600.000.

Na França, o movimento nasceu mais tarde, em 1929, no Havre, onde um missionário inglês, Scott, vindo pregar ocasionalmente, realizou uma cura sensacional: os doentes vieram em multidão e reuniões muito importantes foram organizadas em pouco tempo, de tal modo que Scott estabeleceu-se na França; ele irradiou sua influência sobretudo sobre a Normandia e o Norte, onde se encontram as principais comunidades pentecostais francesas; depois, o movimento estendeu-se para o Sul, entre Toulouse e Nice.

Nos Estados Unidos, os progressos foram espetaculares entre as duas guerras, entre 1920 e 1940, e por volta de 1960 atingiu-se a marca de dois milhões de membros. A expansão foi sobretudo muito acentuada na América do Sul, onde representa a maior parte do forte avanço protestante: assim, no Chile, os 100.000 de 1950 tornaram-se 300.000 em 1960; e, no Brasil, os 100.000 de 1950 passaram para 600.000 em 1960.

Caçula entre as grandes seitas protestantes, o Pentecostalismo pretende ser uma "reforma dentro da Reforma": tenciona purificá-la insuflando-lhe um espírito novo, o espírito de Pentecostes, que supostamente teria abandonado até então tanto os protestantes quanto os católicos.

Por conta disso, o Pentecostalismo aparece um pouco como uma resultante das seitas precedentes, como expressava em 1933 um de seus mais eminentes representantes, o pastor Barrat:

> "*No que diz respeito à salvação e à justificação pela fé, somos luteranos; quanto ao batismo de água, somos batistas; quanto à santificação, somos metodistas; quanto à agressividade da evangelização, estamos com o Exército de Salvação; mas no que diz respeito ao batismo do Espírito Santo, somos Pentecostais!*"

No entanto, o Pentecostalismo vincula-se nitidamente a uma das tradições protestantes: ao contrário dos luteranos e calvinistas clássicos, mas seguindo os wesleyanos, os *quakers*, o Exército de Salvação e muitos outros, ele faz um apelo intensivo à sensibilidade, às manifestações exteriores vistosas, às confissões públicas, etc.

É interessante notar, aliás, que com o tempo e as tendências dos diferentes animadores, as comunidades pentecostais se uniram — ou melhor, se cindiram — em numerosos ramos, em função do espaço dado à improvisação, à espontaneidade e à organização, com novos grupos surgindo à medida que os antigos se estruturavam e "arrefeciam".

Falta-nos espaço para examinar mais a fundo essas variantes pentecostais, mas retomaremos em outra ocasião esta importante questão, com seus prolongamentos no meio "católico".

---o0o---

Terminaremos este panorama com um rápido esboço da expansão missionária protestante, cujo impacto na questão do ecumenismo foi particularmente determinante. Várias etapas devem ser consideradas:

- Durante os primeiros séculos da Reforma (XVI e XVII), não houve, propriamente falando, uma vontade missionária: o movimento reformado estendeu-se gradualmente e apenas na Europa, por meio das ideias e dos livros; e, se os pregadores passavam de um país a outro, era mais na qualidade de fugitivos do que de missionários voluntários.
- A partir do século XVIII, a expansão colonial, que doravante envolvia as nações protestantes, provocou uma extensão do protestantismo aos países colonizados, isto é, o Extremo Oriente, a Índia sobretudo, e depois a África e o Próximo Oriente. Pode-se notar que as nações católicas haviam precedido amplamente esse movimento, já no século XV, na África, na Ásia e na América do Sul. Nesta etapa, foi essencialmente a Inglaterra que realizou a penetração das seitas protestantes nos continentes extraeuropeus, com a Alemanha juntando-se ao movimento no século XIX.

- Nos séculos XIX e XX, os EUA assumiram o lugar dos europeus e exerceram uma intensa ação missionária em direção a todos os países do mundo, tanto para a Europa — tanto protestante quanto católica, nomeadamente a Itália — quanto para a América do Sul e a África, onde as seitas protestantes começaram a proliferar (muitas delas tendo dado origem a cisões autóctones) e para o Extremo Oriente.

Todas essas iniciativas e suas realizações levaram, especialmente na África e no Oriente, à coexistência de uma multidão de seitas de origem cristã e com doutrinas mais ou menos próximas, mas oriundas de países, épocas e tradições muito diversas.

As rivalidades entre missionários, e a perplexidade dos nativos que delas resultava, conduziram rapidamente, no decorrer do século XIX, a um sentimento penoso; e não é muito surpreendente que a tendência ao ecumenismo tenha nascido primeiro no meio das organizações missionárias protestantes.

Este caráter explica também, aliás, por que a preocupação ecumenista foi sobretudo obra das grandes confissões dotadas de missões extraeuropeias, e muito menos — ou até mesmo de modo algum — das seitas modernas, mais voltadas para a Europa e interessadas primeiramente em sua própria expansão.

P. R.

---

(1) Para uma visão mais ampla sobre os laços entre o liberalismo teológico protestante e o modernismo católico no século XIX, solicita-se consultar o artigo publicado no Boletim nº 7.

Revision #4
Created 4 February 2026 23:46:57 by Admin
Updated 6 February 2026 00:13:51 by Admin